



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

GT 9: Museu, Patrimônio e Informação
Modalidade de apresentação: Comunicação Oral

Nimuendajú: do “coração verde” da Alemanha às matas verdes do Brasil

Alegria Benchimol

Museu Paraense Emílio Goeldi

Lena Vania Ribeiro Pinheiro

Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

RESUMO: Relato, em caráter investigativo, da formação da coleção etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), tema importante porque, embora muito tenha sido escrito sobre a história do Museu, é pouco conhecida a história da documentação deste acervo, a partir do momento em que os objetos são inseridos na reserva técnica, considerando suas formas de armazenamento e documentação. Pesquisa sobre a atuação de seu curador pioneiro, Curt Nimuendajú, bem como sobre a organização por ele concebida para referida coleção, entre 1920/1921 e 1939/1940, períodos em que assumiu a chefia da Seção de Etnologia, Arqueologia e Antropologia desta Instituição. Com base na análise das informações do catálogo elaborado por Nimuendajú, em 1921, é traçado um quadro-matriz no qual estão identificadas, reunidas e sistematizadas as informações registradas sobre a coleção etnográfica, nos períodos estudados. O quadro matriz, hoje mais amplo, embora mantendo os registros definidos por Nimuendajú, enseja observações sobre as transformações científicas e a introdução de novas questões como a interdisciplinaridade, na documentação de museus..

Palavras-chave: Coleção etnográfica, Curt Nimuendajú, Documentação em museus, Ciência da Informação, Organização de acervos, Museu Paraense Emílio Goeldi.



1. Introdução

O Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG) possui uma coleção etnográfica formada por viajantes estrangeiros e pesquisadores da própria Instituição desde os meados do século XIX, cuja primeira documentação que se conhece foi sistematizada num catálogo por Curt Nimuendajú, em 1921. A documentação de acervos é atividade de extrema importância para os museus, pois se bem documentadas essas coleções tornam-se referências para os pesquisadores, curadores e para as sociedades produtoras desses objetos, fazendo com que o papel social inerente a todo museu seja desempenhado com eficácia e as suas coleções valorizadas.

Nesta perspectiva, o presente artigo se propõe a relatar, em caráter investigativo, a história da documentação inicial da coleção etnográfica do Museu Goeldi, tendo como foco principal a organização dada à coleção nos dois períodos geridos pelo alemão Curt Nimuendajú (1920/1921 e 1939/1940), curador pioneiro deste acervo, quando assumiu a chefia da Seção de Etnologia, Arqueologia e Antropologia daquela Instituição. A pesquisa, de natureza teórica e documental é parte de dissertação de mestrado concluída e aprovada no Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, IBICT-UFF, em 2009¹.

2. O curador pioneiro

A obra de Curt Nimuendajú, homem sem nenhuma formação acadêmica, “é maior e mais importante do que a soma das de todos nós que fizemos Etnologia antes e depois dele, até hoje em dia”, afirma Darcy Ribeiro (1979), renomado antropólogo brasileiro.

Considerado um dos pais fundadores da Etnologia brasileira, filho de Julius e Maria Unkel e nascido numa cidade da Thuringia chamada Jena, na Alemanha, em 1883, Curt Unkel chegou ao Brasil em 1903. De 1905 a 1908, o alemão entrou em contato pela

¹BENCHIMOL, Alegria. *Informação e objeto etnográfico: percurso interdisciplinar no Museu Paraense Emílio Goeldi*, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro.



primeira vez, na qualidade de ajudante de cozinheiro, contratado pela Comissão Geográfica e Geológica de São Paulo, com os índios Guarani e os Kaingang no Oeste de São Paulo.

Posteriormente, conviveu com os Apapokuva-Guarani, tribo que o adotou espiritualmente e o batizou, em 1906, na cerimônia do Nimongaraí² com o nome de Nimuendajú (GRUPIONI, 1998). Há muitas explicações para o significado do nome dado pelos índios a Curt Unkel, mas, segundo esclarecimento do próprio, Nimuendajú quer dizer “o ser que cria ou faz seu próprio lar” ou “aquele que fez residência entre nós”, na concepção de Mattoso Câmara. (GRUPIONI, 1998).³

Nimuendajú realizou exaustivo trabalho de campo em aproximadamente cinquenta grupos indígenas diferentes em território brasileiro e dedicou-se à descrição minuciosa de sociedades indígenas específicas, tais como os Canela e os Tukuna, entre outras etnias, tendo sido consagrado como o etnógrafo de campo que mais conheceu grupos indígenas diferentes no Brasil (GRUPIONI, 1998).

De acordo com Nunes Pereira (1946), são 30 as obras publicadas de Nimuendajú; suas viagens para estudar as mais diferentes tribos indígenas, entre 1905 e 1945, por todo o Brasil, chegam a quase 40, além de um amplo estudo lingüístico acerca de várias etnias brasileiras.⁴

É também de sua autoria a elaboração do mapa etno-histórico do Brasil, minuciosamente desenhado

à nanquim, num papel de desenho com dois por dois metros, já repleto de símbolos, representando rios, litorais [...] [...] identificando e localizando um milhar e meio de tribos indígenas, classificando suas línguas, anotando seus hábitos e coligindo seus utensílios” (PINTO BARBOSA, 1981, p. 23).

Foi, sem dúvida, um trabalho grandioso, meticuloso e que exigiu de seu construtor profundos conhecimentos de Etnologia, de História, de localização de tribos e seus deslocamentos pelo Brasil da época. Curt desenhou três versões não idênticas para o mapa-etnográfico. A primeira foi elaborada para a Smithsonian Institution, em 1942; a

² Cerimônia de batismo entre os Apapokuva-Guarani.

³ Para informações detalhadas sobre o significado do vocábulo Nimuendajú, consultar *Os etnólogos no Conselho de Fiscalização das expedições artísticas e científicas no Brasil*, de Luis Donisete Benzi Grupioni, 1998, p. 174.

⁴ Para mais detalhes sobre este assunto, vide Nunes Pereira, *Curt Nimuendajú: síntese de uma vida e de uma obra*, 1946.



segunda, em 1943, para o Museu Paraense Emílio Goeldi (MPEG), a pedido de Carlos Estevão de Oliveira; e a última versão, provavelmente a mais completa, foi traçada em 1944 para o Museu Nacional do Rio de Janeiro (FARIA, 1981).

Em sua grande maioria, as obras publicadas de Nimuendajú consistem em vocabulários e lendas que recolheu entre muitas tribos do Norte do Brasil, além de dados mitológicos, históricos e psicológicos das tribos por ele estudadas.

Na ausência da Diretora Emilia Snethlage, Nimuendajú assumia a direção científica do Museu Goeldi, responsabilizando-se pela Biblioteca e pela correspondência do Museu (GRUPIONI, 1998, p. 178). Suas relações com o MPEG não se limitaram às atividades administrativas ou à formação de coleções etnográficas. Ministrou três cursos de Etnologia, entre 1941 e 1944, nos quais abordava aspectos materiais, econômicos e sociais de alguns povos indígenas, cotejava as culturas estudadas, além de dedicar-se a ensinar a família lingüística Tupi-Guarani.

Em suma, Nimuendajú foi um homem dinâmico, fecundo intelectualmente e que dedicou cerca de 40 anos às atividades de coletar, ensinar, pesquisar e divulgar as tribos indígenas brasileiras no País e no exterior. Morreu em dezembro de 1945, numa aldeia Tukuna, perto de Santa Rita do Weil, no Alto Rio Solimões, no Estado do Amazonas.

Não encontramos nenhum documento indicando se há uma certidão de óbito que revele a causa da morte de Nimuendajú, entretanto, há especulações e algumas versões polêmicas sobre a sua *causa mortis*. Laraia (1988) relata no artigo *As mortes de Nimuendajú*, três histórias diferentes: na primeira, o alemão teria sido envenenado com café por um "civilizado" da região onde os Tukuna habitavam, por estar descontente com a atuação de Nimuendajú em prol dos índios, referente à questão da borracha, que no pós-guerra entrou em decadência. Essa notícia foi relatada, segundo Laraia, pelo índio Tukuna Nino a um agente do Serviço de Proteção aos Índios (SPI).

A segunda versão, corrente na comunidade científica da época, postula que o imigrante alemão teria sido envenenado pelos próprios índios Tukuna, insatisfeitos com o seu envolvimento amoroso com as mulheres da tribo. Existe ainda uma terceira hipótese, de Nimuendajú ter sido assassinado pelos seringalistas, por entenderem seus interesses ameaçados depois de sua atuação a favor dos índios, na polêmica questão da borracha, e que culminou com a implantação do SPI, na região, em 1943.



Não temos elementos para afirmar se alguma dessas versões corresponde à realidade ou se, de fato, a verdade está na proposição levantada por Laraia (1988), na qual supõe que Nimuendajú morreu naturalmente, por encontrar-se com o organismo debilitado devido à intoxicação provocada pela ingestão de quinino⁵ para combater as inúmeras malárias que contraiu.

O fato é que, independentemente de conhecermos o verdadeiro motivo, Nimuendajú morreu e foi sepultado entre os índios, no meio de uma floresta, no Alto Rio Solimões, local amado por ele desde os tempos remotos em que habitava a Thuringia, região cercada “por extensas e imponentes associações vegetais [...] [...] denominada poeticamente ‘coração verde’ da Alemanha” (NUNES PEREIRA, 1946, p. 9). Sobre a possibilidade de não mais poder conviver com os índios, por motivo de saúde, Nimuendajú desabafou:

parece-me incrível que eu nunca mais hei de ver os campos dos Canellas banhados em sol, nem os igapós sombrios dos Tukuna [...] [...] o sr. bem sabe como eu amava esta vida e estava identificado com os índios (NIMUENDAJÚ apud BALDUS, 1982, p. 26).

Ignorando a vontade do amigo, Herbert Baldus em 1956 encarrega Harald Schurtz, antigo aluno de Nimuendajú (MUSEU PAULISTA, 1959), de recolher os ossos do mestre, no Cemitério Santa Maria situado na Vila de Santa Rita do Weil, Município de São Paulo de Olivença, estado do Amazonas, e levar para São Paulo, a fim de dar a Nimuendajú um enterro digno.

A exumação foi realizada em 19 de fevereiro de 1956 e os restos mortais do cientista foram trasladados para o Museu Paulista, no qual ficaram guardados “em uma caixa de papelão (segundo uns), em uma igaçaba (segundo outros)” (LARAIA, 1988), por pelo menos dois anos.

Em 1958, em comemoração ao Dia do Índio, numa sessão solene da Sociedade Brasileira de Sociologia, foi realizada a cerimônia de transladação dos restos mortais de Curt Nimuendajú para uma urna funerária, tipo igaçaba, construída a pedido da referida Sociedade e confiada aos auspícios do Museu Paulista, até que se construísse uma cripta para recolhimento da urna. A certidão de exumação dos restos mortais do indigenista,

⁵ Substância usada contra a malária e também como relaxante muscular (HOUAISS, 2001)



expedida pelo Cartório do Juízo Municipal de São Paulo de Olivença, Amazonas, em 25 de setembro de 1957, foi arquivada pela Sociedade Brasileira de Sociologia (REVISTA DO MUSEU PAULISTA, 1959).

A prometida cripta nunca foi construída, indicando uma total falta de consideração e respeito à memória de Curt Nimuendajú. Durante os 23 anos em que seus restos mortais rolaram pelos corredores do Museu Paulista, nenhuma outra instituição a quem Nimuendajú prestou serviços considerou a hipótese de tomar para si a tarefa de enterrá-lo condignamente.

Somente em 1978, a pedido do Setor de Etnologia do Museu Paulista, inicia-se um processo administrativo visando a dar um destino digno aos restos mortais de Curt Nimuendajú, homem que coletando, pesquisando e divulgando as sociedades indígenas brasileiras, dignificou o país, internamente e no exterior.

O processo contou com o empenho pessoal e generosidade da pesquisadora Thekla Hartmann, que em artigo publicado sobre o enterro de Nimuendajú, informa que os seus despojos encontram-se agora na sepultura 21 da Quadra IV do cemitério do Redentor, situado à Av. Dr. Arnaldo, 1105, esquina com a Rua Cardeal Arcoverde, zona Oeste de São Paulo (HARTMANN, 1981/1982, p. 187), entretanto, Hartmann não cita – e deve ter suas razões para tal – que sua família cedeu, gentilmente, o próprio jazigo para abrigar os restos mortais do etnólogo alemão naturalizado brasileiro (Figuras 1 e 2).

DE : ASS.CEMITERIO DOS PROTESTANTES FAX : 1130813694 03 OUT. 2008 13:59 Pág. 1

CEMITÉRIO DO REDENTOR QUADRA IV SEPULTURA 21-Simples
CONCESSIONÁRIO: THEKLA OLGA HARTMANN

SEPULTAMENTOS	DATA
ALBERT FERDINANDO CARL HARTMANN	28.10.26
OLGA CHARLOTE MARTHA HARTMANN	13.08.61
CURT NIMUENDA JÚ UNKEL - (ossos vindos do Inst.Paulista)	
VALENTINA J. A. CANGER	21.08.71

Figura 1: Documento obtido pela pesquisadora junto ao Cemitério do Redentor / São Paulo, em outubro / 2008

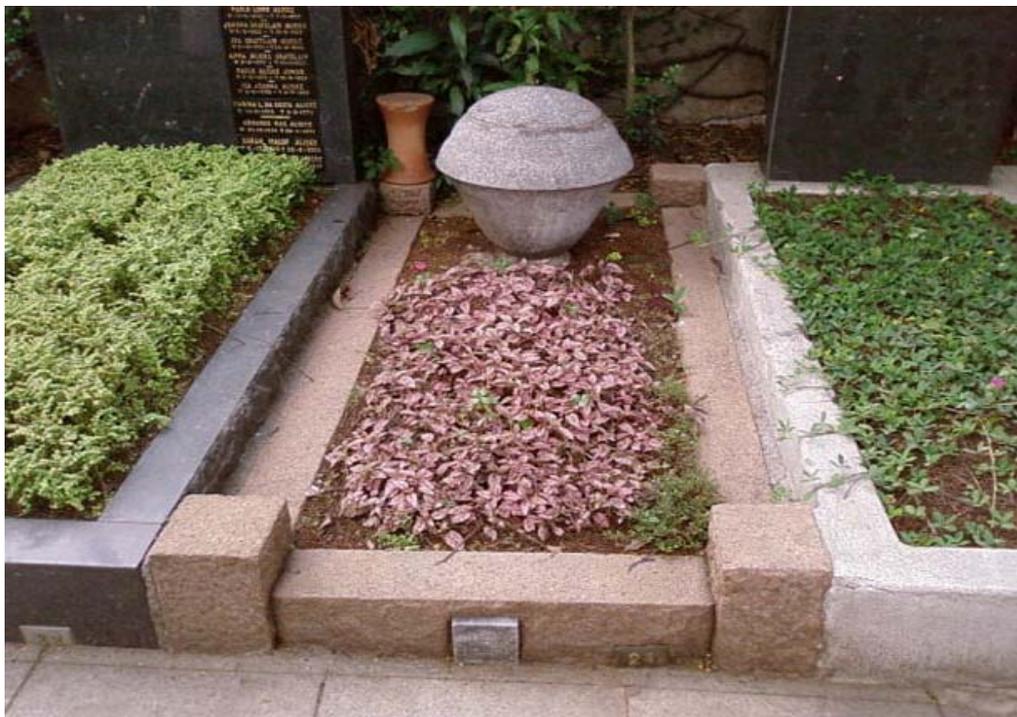


Figura 2: Túmulo onde está colocada a urna (igacaba) com os restos mortais de Nimuendajú.
Foto : Alegria benchimol



2 Nimuendajú e a coleção etnográfica

Depois desta introdução sobre quem foi Curt Nimuendajú, sua importância para a Etnologia no Brasil e suas relações com o Museu Paraense Emílio Goeldi, enfocamos sua relevância como o primeiro a organizar a coleção etnográfica do Museu, em que a elaboração de um catálogo contendo todos os objetos da coleção foi de fundamental importância para o controle e conservação desses objetos. Neste catálogo são mostradas as diretrizes utilizadas pelo etnólogo para gerir a coleção e os primeiros critérios curatoriais utilizados para conservação e documentação da mesma.

Foi em 1920 quando, a convite de Emília Snethlage, então Diretora do Museu, Curt Nimuendajú assumiu a chefia da Seção de Etnologia, Arqueologia e Antropologia, nomenclatura daquela época para a atual Coordenação de Ciências Humanas. Data deste período primeira sistematização da sua coleção etnográfica. Antes, aquela Seção não contava com um chefe especializado, pois essa função era de responsabilidade dos diretores do Museu, como Emílio Goeldi, por exemplo, que adquirindo novos objetos etnográficos promoveu o incremento das coleções.

Nimuendajú era profundo conhecedor das culturas indígenas, pois conviveu entre os mais diferentes povos desde que chegou ao Brasil no início do século XX, conforme ressaltado no início desta comunicação e, ao assumir a Seção, tinha essencialmente três tarefas a cumprir: realizar uma completa revisão da coleção; organizar um inventário e confeccionar um catálogo que permitisse verificar rapidamente a ausência de um objeto; e, por último, reorganizar etiquetas da exposição (GRUPIONI, 1998).

No exercício de suas funções, esse autodidata fez uma revisão da coleção etnográfica e, em 1921, elaborou o primeiro catálogo para a coleção. Esse catálogo, com 24 páginas, contém a relação das peças do acervo, estas numeradas de 1 a 2.619, datilografadas, e de 2.620 a 2.632, manuscritas. É datado de 3 de abril de 1921 e, na primeira página, há o seguinte título: *Catálogo das colleções etnográficas do Museu Goeldi*, na qual consta a assinatura de Curt Nimuendajú (Figura 3).

É preciso enfatizar, entretanto, que no referido catálogo estão incluídos também objetos da coleção arqueológica, pois até a década de 1960, as duas coleções encontravam-se misturadas no Museu e juntas foram tombadas desde 1940, pelo Instituto



do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) como *Coleção arqueológica e etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi*.

Deve-se ter claro, portanto, que quando se fala em coleção etnográfica, na época de Nimuendajú, está se incluindo também em coleção arqueológica. As coleções foram separadas somente na década de 1960, por Eduardo Galvão e Mário Ferreira Simões quando cada uma seguiu por diferentes caminhos.

Nos arquivos da reserva técnica do Museu Goeldi há uma cópia do catálogo de 1921, elaborada em 1939, na qual há uma página a mais, que dá conta do extravio de 13 peças relacionadas por Curt em 1921 (Figura 4). A referida página está assinada por Evalda Xavier Falcão, em 1939, aluna de Nimuendajú num curso ministrado no MPEG (NUNES PEREIRA, 1946), sua provável auxiliar no segundo período em que atuou como Chefe da Seção etnográfica. Chegamos a essa conclusão, devido à assinatura de Falcão constar na página do extravio das peças, além de o próprio Nimuendajú mencionar, em uma carta datada de 1940, que Evalda Falcão trabalhava com bastante dedicação na coleção e freqüentemente solicitava a sua orientação (HARTMANN, 2000 apud VELTHEM et al., 2004).

Na cópia do catálogo de 1939, há 2.619 objetos catalogados e não mais os 2.632 relacionados por Nimuendajú. A assinatura do etnólogo não existe na primeira página e nem a lista manuscrita dos últimos objetos registrados em 1921. Não encontramos diferença em relação aos outros dados.



Figura 4 – página do catálogo de 1939 que relata o extravio de 13 objetos da coleção etnográfica relacionados por Curt Nimuendajú em 1921. Acervo Museu Paraense Emílio Goeldi.

Na organização dada por Nimuendajú à coleção constam os seguintes campos informacionais, divididos em cinco colunas: a primeira segue uma numeração cardinal em ordem crescente de 1 a 2.619; a segunda é destinada às etnias indígenas das quais os objetos são provenientes; a terceira pontua a localização geográfica dos objetos (aldeias e rios que as cortam); na penúltima coluna são inseridas observações das mais diversas ordens como, por exemplo, a forma como alguns objetos foram adquiridos, o nome do coletor dos objetos, a data em que foram coletados ou observações sobre a sua procedência; e, finalmente, na quinta e última coluna há uma descrição sucinta dos objetos citando, em alguns, a matéria-prima constitutiva e o uso dos objetos.

Pelas observações por Curt relatadas na primeira página do catálogo, os objetos da coleção etnográfica, ou estavam em exposição permanente nas duas salas da Seção Etnográfica, ou ficavam encaixotados no porão da Rocinha, isto é, “uma pequena chácara ou um sítio com pomar” (FERREIRA, 2004) , situada no Parque Zoológico do Museu, seguindo a procedência ou o nome do coletor, dados que demonstram que o curador tinha perfeito controle da circulação dos objetos que estavam sob sua guarda.

3 Quadro matriz da primeira organização da coleção etnográfica do Museu Goeldi

Entre as inúmeras funções que tem um museu estão as de conservar, pesquisar e difundir os testemunhos materiais do homem [...] (ICOM, 2001 apud LIMA, 2003). Na presente pesquisa, a preocupação voltou-se principalmente para a conservação e difusão da informação do objeto etnográfico, a partir da análise das informações dos catálogos de 1921 e 1939, elaborados por Curt Nimuendajú, curador pioneiro da Coleção etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi, conforme enfatizado neste texto .

As classificações e atributos dos objetos da coleção etnográfica do MPEG, estabelecidas pelo etnólogo devem ser analisados nas suas características, a fim de se observar as modificações ocorridas no tempo e seu processo evolutivo. Os campos informacionais listados no quadro a seguir foram extraídos da análise do catálogo da fase de 1920/1921, mas também contemplam o catálogo do período de 1939/1940, já que as



únicas diferenças encontradas, citadas anteriormente nesta comunicação, não comprometem a estrutura e a forma como a coleção estava organizada.

Observa-se, a partir do quadro, que a coleção etnográfica em questão apresenta dois aspectos distintos relacionados à sua organização: o primeiro, referente aos procedimentos técnicos de sua documentação propriamente dita; e o segundo, englobando os critérios utilizados para o armazenamento desses objetos, a fim de guardá-los nas dependências da reserva técnica. No referente aos critérios ou às bases classificatórias para o armazenamento dos objetos, Nimuendajú os armazenava em caixas numeradas identificando-as por povos indígenas. Como não existia, à época, depósito ou reserva técnica destinada a abrigar os objetos, as caixas eram guardadas no porão do prédio chamado Rocinha, situado no Parque Zoobotânico do Museu Goeldi como mencionamos anteriormente.

Curt Nimuendajú (1920/1921) - (1939/1940)	
Campos Informacionais	Bases classificatórias para armazenamento de objetos etnográficos
Registro	Povos Indígenas
Etnia / Procedência	
Área geográfica	
Aquisição	
Data da coleta	
Identificação do objeto	
Matéria-prima	
Uso do objeto	
Localização na reserva	
Observações	
Coletor	

Figura 5 -Quadro-matriz da primeira organização da coleção etnográfica do Museu Goeldi.



Considerando o primeiro ponto levantado, Nimuendajú foi o pioneiro na criação de campos informacionais, que são utilizados até hoje na documentação da coleção etnográfica do MPEG e, a partir da base por ele elaborada, outros campos de informação foram acrescentados por seus sucessores, até chegar à ficha documental que se tem atualmente. Nenhum campo instituído por Nimuendajú foi eliminado ao longo dos anos, apenas outros novos campos foram incluídos posteriormente, mostrando o espírito visionário deste pesquisador.

Atualmente, por orientação de Velthem, curadora da coleção até 2007, os objetos estão armazenados na reserva técnica do *Campus* de Pesquisa do Museu, em armários deslizantes, seguindo a classificação por categorias artesanais preconizadas no *Dicionário do artesanato indígena*, de Berta Ribeiro, datado de 1988, tendo como critérios primeiros de armazenamento a matéria-prima constitutiva e a etnia, respectivamente.

Observamos que dos 38 atributos utilizados atualmente para classificar os objetos, Nimuendajú utilizou 11 deles, em 1921. É preciso ressaltar, contudo, que alguns campos existentes hoje são oriundos de discussões e de abordagens teóricas e práticas que não se faziam presentes quando Nimuendajú esteve à frente da coleção etnográfica, refletindo a natural evolução das áreas de conhecimento envolvidas e também a introdução de uma visão interdisciplinar que se fez presente mais recentemente.

5 Considerações finais

A institucionalização das Ciências Sociais nas universidades introduziu novos paradigmas na pesquisa antropológica e o foco de algumas questões foi alterado, incidindo diretamente, por exemplo, na relação entre museus que guardam acervos indígenas, as pesquisas antropológicas e os produtores desses objetos.

Nas primeiras pesquisas antropológicas notava-se a ausência da “voz do outro” (sociedades indígenas), que era considerado um objeto de pesquisa. A importância maior era destinada ao cientista que coletava, classificava, descrevia e exibia suas coleções como resultados de suas pesquisas. “Os povos estudados, as sociedades produtoras dos objetos coletados não tinham voz, eram considerados ‘outros passivos’ de um discurso científico” (ABREU, 2007, p. 142).



Atualmente, dar voz a esses 'outros passivos' é assunto recorrente nas discussões e pesquisas dessa disciplina. Lucia van Velthem, defensora da idéia da presença do outro nos museus em que há acervos que representem a sociedade desse outro, demonstra suas convicções em sua prática profissional, com reflexos na documentação da coleção etnográfica do Goeldi.

Nessa direção, podemos observar que algumas informações referentes aos objetos não pensados por Nimuendajú, provenientes da citada discussão, são incluídos na atual descrição dos objetos como, por exemplo, *terminologia indígena*, *autoria individual*, *canto associado ao objeto*, *narrativa de mitos* entre outros. Essas informações podem ser obtidas através de interação com as sociedades produtoras, seja pelos pesquisadores, seja por meio de uma política adotada pelos museus de ouvir a sociedade produtora. Todavia, isso requer recursos e vontade política das instituições, nesse sentido.

No Museu Goeldi, a coleção de objetos Wayana, coletada, pesquisada e documentadas por Velthem (1998; 2003) e a coleção Kayapó, coletada em 1902 por Frei Gil de Vilanova, pesquisada por Chaves (2010), contêm algumas dessas novas informações, todavia, essa não é a regra para todos os objetos. De qualquer maneira, a entrada para essas informações se encontram disponíveis no SINCE (sistema de informação da coleção etnográfica), atualmente em plataforma *mysql* e, a qualquer momento, dados fornecidos por pesquisadores e pelos produtores podem ser incluídos no sistema.

Em síntese, o legado de Nimuendajú para a Etnologia brasileira e para o Museu Goeldi é precioso, não apenas pelo que escreveu, mas também pelas inúmeras coleções que formou, abastecendo museus nacionais e instituições de fora do país. Constam hoje, na Reserva Técnica *Curt Nimuendajú* do Museu Paraense Emílio Goeldi, aproximadamente 1.985 objetos coletados por ele na primeira metade do século XX, referentes às etnias Aparaí, Canelas Orientais, Maxacali, Xerente e Tukuna, entre outras. Nimuendajú foi um visionário que, mesmo sem nenhuma formação acadêmica, estabeleceu bases sólidas para a conservação, documentação e pesquisa da coleção etnográfica do Museu Paraense Emílio Goeldi.



ABSTRACT

Investigative report on the formation of the ethnographic collection of Emilio Goeldi Museum of Pará (MPEG), important topic because, although much has been written about the history of the Museum, little is known on the history of the documentation of this acquis from the moment the objects are inserted into the technical reserve, considering their forms of storage and documentation. Research on the performance of its pioneering curator, Curt Nimuendajú, and on the organization he conceived for this collection, between 1920/1921 and 1939/1940, periods in which he took over the leadership of the Section of Ethnology, Archeology and Anthropology of this institution. Based on the analysis of the information of the catalog produced by Nimuendajú, in 1921, a table-matrix is offered in which are identified, collected and systematized the information recorded on the ethnographic collection in the periods studied. The table array, wider today, although maintaining the records set by Nimuendajú, brings about comments on the scientific changes and the introduction of new issues such as interdisciplinary, in the documentation of museums.

Keywords: ethnographic collection, Curt Nimuendajú, documentation in museums, Information Science, Organization of collections, Emilio Goeldi Museum

REFERÊNCIAS

ABREU, Regina. Tal Antropologia, qual museu? In: ABREU, Regina; CHAGAS, Mário; SANTOS, Myrian Sepúlveda (Org.). *Museus, coleções e patrimônios: narrativas polifônicas*. Rio de Janeiro: MinC; IPHAN; DEMU, 2007.

BALDUS, Herbert. Curt Nimuendajú. In: SUESS, Paulo (Coord.), *Textos indigenistas: relatórios, monografias, cartas*. São Paulo: Loyola, 1982.

BENCHIMOL, Alegria. *Informação e objeto etnográfico: percurso interdisciplinar no Museu Paraense Emílio Goeldi*, 2009. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia; Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2009. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

CHAVES, Carlos Eduardo. A Coleção Frei Gil de Vilanova (1902): História e Cultura do índio Kayapó-Iran Amiraire. 2010. (Apresentação de Trabalho/Reunião da Associação Brasileira de Antropologia/Belém/PA).

FARIA, Luiz de Castro. Curt Nimuendajú. In: *Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú*. Rio de Janeiro, 1981. mapa.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário Eletrônico*. Versão 5.11. Curitiba: Positivo, 2004. 1 CD-ROM.



XI Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Inovação e inclusão social: questões contemporâneas da informação
Rio de Janeiro, 25 a 28 de outubro de 2010

GRUPIONI, Luis Donisete Benzi. *Coleções e expedições vigiadas: os etnólogos no conselho de fiscalização das expedições artísticas e científicas no Brasil*. São Paulo: Hucitec; Anpocs, 1998.

HARTMANN, Thekla. *O enterro de Curt Nimuendajú (1883-1945)*. In: REVISTA DO MUSEU PAULISTA, v. 28, São Paulo, 1981/1982.

LARAIA, Roque de Barros. *As mortes de Nimuendajú*. *Ciência Hoje*, v. 8, n. 44, 1988.

LIMA, Diana Farjalla Correia. *Ciência da Informação, Museologia e fertilização interdisciplinar: informação em arte, um novo campo do saber*. 2003. 358 f. Tese (Doutorado em Comunicação) – Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro / Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, 2003. Orientadora: Lena Vania Ribeiro Pinheiro.

NUNES PEREIRA, Manoel. *Curt Nimuendajú: síntese de uma vida e de uma obra*, Belém, 1946. Disponível em <<http://www.biblio.etnolinguistica.org>> . Acesso em 19 set. 2008.

PINTO BARBOSA, Rodolpho. *A cartografia do mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú*. In: IBGE. Mapa etno-histórico de Curt Nimuendajú. Rio de Janeiro, 1981. mapa.

REVISTA DO MUSEU PAULISTA, São Paulo, v. 21, 1959.

RIBEIRO, Berta. *Dicionário do artesanato indígena*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Editora da USP, 1988.

RIBEIRO, Darcy. Prefácio. In: GALVÃO, Eduardo. *Encontros de sociedades: índios e brancos no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

VELTHEM, Lucia Hussak van. *A Pele de Tuluperê*. Belém: MPEG, 1998.

_____. *O belo é a fera: a estética da produção e da predação entre os Wayana*. Lisboa: Museu Nacional de Etnologia Assírio&Alvim, 2003.